ILHA



WANDA MONTEIRO

ILHA

WANDA MONTEIRO

uma nuvem de rios impetuosos enche a boca árida

Tristan Tzara

I

Saltar para outro chão
insular
ancho de tempo

no intento de ser livre
habitar esse espaço
decifrar sua topografia

Lançar-me ao tempo
nas dobras de datas perdidas
num traçado de inexata rota

levar apenas os sentidos
para o cultivo de imagens
imperecíveis

II

Chão insular
céu espelhado
em água circundante
horizonte infindo

III

: ser o corpo espelhado
: a traição do reflexo
: o registro pretérito

na escura câmera do olho:
a imagem futura
no milagre do espelho:
o silêncio
o não dito

IV

Do vítreo ao visgo
as aparências se avizinham

o que é o céu senão veios
espelhados do pensar

o que é o chão senão o crânio
estilhaçado depois da queda

V

Eu
nesse quando de ilha
deito meu corpo
feito de água
de fibras

contemplo
o por-do-dia
ao por-da-noite

VI

Circundar esse chão
em busca de alguma verdade
como se fosse a sombra atraente
sentir a sede de luz
: a luz que se expande à visão
como anéis crescendo na água
: a luz que funda a arquitetura dos espelhos
suspensa e flutuante
em movimento contínuo
universal

VII

Ilha: a lexicografia diz daquilo que é isolado
ilha a palavra: aprendi em tenra idade

a primeira escuta diz de ser ilha o muro
: a varanda : o alpendre : a casa feita de paredes
janelas, portas e feita de quintal

o quintal: portal para o céu, para a lua
e para o sol que nunca foi rei e sim rainha
: rainha de luz e fogo - assim dizia a mãe:
 mania dos homens de matar o feminino do mundo

de ilha - meu pai dizia de sermos nós
: a carne que nos abarca: a barca: trama de
tecidos: malha de artérias: a serpente:
milhares de metros cúbicos movendo-se
feito boiúna sanguínea nadando - rasgando
devorando o tempo: oroborus

a barca abarca a malha, a trama, o lastro:
oito litros de sangue
oito litros de vícios
oito litros de memória
oito litros de tempo
oito litros de guerra

de mim digo ser essa guerra
eu
ilha dentro da ilha

VIII

Habitar essa ilha de memória
margear o passado
essa terra de vida e morte
parto e porto

buscar os sentidos
partidos ao meio pelo tempo
corrente-leito-de-espera

recusar a morte
do rio que já não é
aceitar a vida
do rio que será

o agora não é chegada
é partida



Wanda Monteiro, advogada, escritora, uma amazônida nascida à margem esquerda do rio Amazonas, em Alenquer, Pará, Brasil. Tem seus poemas publicados nas antologias: Senhoras Obscenas; Proyecto Sur Brasil, Sarau da Paulista; Mulherio de Letras/Lisboa e na primeira e histórica publicação impressa da Revista Literária GUETO. Obras publicadas: O Beijo da Chuva, 2008, Ed Amazônia; Anverso, 2011, Ed Amazônia; Duas Mulheres Entardecendo, 2015, Ed Tempo _ em parceria com a escritora Maria Helena Latinni; Aquatempo, 2016, Ed Literacidade; A Liturgia do Tempo e outros Silêncios, 2019, Ed Patuá, Aquatempo Aquatiempo, Editora Patuá, 2020. Participou em 2020 de duas publicações com textos poéticos: A coletâneas em Livro manifesto antifascista chamada Ato Poético, editora Oficina, organizado por Márcia Tiburi e Luís Maffei e o segunda, a coletânea ANTIFASCISTAS, contos, crônicas, poemas de resistência, organizada por Leonardo Valente e Carol Proner, editora Mondrongo e do Zine Despacho, editora Corsário Satã, e a plaquete Discurso Sobre la Tierra pela editora Mirada. Seu último trabalho é Chão de Exílio (Editora Amo).

MIRADA